

Ralf Dahrendorf

Um liberalismo especial

Ralf Dahrendorf, juntamente com Karl Popper, mudaram para sempre a minha maneira de ver o mundo e a vida.

A notícia da morte de Ralf Dahrendorf, no passado dia 18 de Junho, atingiu-me duramente. Tinha estado com ele em Oxford pouco mais de um mês antes, a 1 e 2 de Maio, para a celebração dos seus 80 anos. Houve uma conferência ao fim da tarde, com Timothy Garton Ash, Fritz Stern e Habermas, seguida de High Table no St. Antony's College. Na manhã de sábado, dia 2, cerca de 20 pessoas reuniram-se à porta fechada com Dahrendorf — no Dahrendorf Room do Founders' Building — para conversar sobre a sua obra e as interrogações (não as respostas) que nos deixara. Dahrendorf tinha perdido a voz mas esteve sempre connosco. Ainda falou sobre a importância da "Rule of Law" e de impor aos imigrantes muçulmanos o respeito pela "Rule of Law", interferindo o menos possível nos seus modos de vida e tradições peculiares.

Foi só ao almoço desse dia que Danuta, a mulher de Tim Garton Ash, me segredou que esta talvez fosse a última vez que o víamos em vida. Estava seriamente doente e os médicos previam pouco tempo de vida. Estávamos no fim do almoço. Levantei-me a custo, dirigi-me a Dahrendorf e disse-lhe: "Sabe que mudou a minha vida para sempre. E eu fiquei grato para sempre". Abraçámo-nos. E eu saí, atordoado. Vagueei por Oxford, com os olhos em lágrimas. Passei pelos sítios em que passeara durante quatro anos a fio, entre 1990 e 1994, nos anos mais felizes da minha vida, quando Dahrendorf era o meu orientador de doutoramento. Recebia-me no seu gabinete de 15 em 15 dias, por volta das 5h da tarde, sempre à hora marcada. Sempre de gravata e "brogues" ou "oxford" pretos, a cor de Londres, eu usava castanhos, a cor de Oxford. Era uma dissonância ancestral que urgia preservar. Tomávamos chá. Discutíamos o ensaio ou parte da tese que eu lhe deixara dias antes. Por vezes, após o encontro, eu ainda lhe escrevia uma carta: tinha "descoberto" qualquer coisa, um novo argumento, um novo autor (em regra antigo), uma nova pergunta. Queria dar-lhe conta, saber o que pensava sobre a minha "descoberta".

Ele respondia sempre, em regra no dia seguinte.

Um dia, recebi uma carta que começava assim: "pela primeira vez, receberá uma carta não assinada por mim. É um hábito bárbaro a que terei de ceder desta vez porque tenho de ir a Londres com urgência." (Dahrendorf ditava as cartas para o gravador, que a secretária dactilografava na manhã seguinte, e ele depois assinava). Quando conversei com ele sobre a hipótese de ir ensinar para a América — o que Popper me impôs que aceitasse — Dahrendorf elogiou muito a América (era casado com uma americana), mas lamentou alguns hábitos bárbaros: por exemplo, têm de almoçar sempre em menos de uma hora. Verifiquei depois que, mais uma vez, Dahrendorf tinha razão.

Ralf Dahrendorf, juntamente com Karl Popper, mudaram para sempre a minha maneira de ver o mundo e a vida. Tomei consciência de algumas dessas mudanças na altura em que ocorreram, enfrentei-as, pensei-as, hesitei, voltei atrás, e finalmente assumi-as. Mas muitas outras foram imperceptíveis, suaves, pequeníssimas. Não dei por elas na altura em que se operavam. Mas estavam a operar-se. E ficaram comigo para sempre.

Não poderia resumi-las aqui. Mas aprendi com Dahrendorf e Popper que realmente sabemos muito pouco e cometemos muitos erros. Podemos, no entanto, aprender com os nossos erros. Ainda assim, sabemos sempre muito pouco, cada um de nós saberá sempre muito pouco. A civilização do Ocidente assenta na consciência desta nossa ignorância e imperfeição fundamentais. Por isso entramos em conversação uns com os outros, com os que já viveram, com os que vivem hoje, e com os que hão-de vir. A liberdade é a condição indispensável a esta conversação a várias vozes. Mas a liberdade não é uma voz particular. É uma conversação. Supõe regras de conduta estritas, sobretudo de autocontrolo, e estrito sentido de dever para com a liberdade. São regras de "gentlemanish", que nenhum de nós consegue demonstrar racionalmente, mas que podemos justificar racionalmente. No entanto, ninguém as inventou. Herdamos-las em conversação com os nossos antepassados, que por sua vez fizeram o mesmo com os

antepassados deles. A liberdade como conversação e as regras de conduta da “gentlemaship” lançam as suas raízes na civilização clássica de Atenas e Roma, e na tensão entre ela e a tradição judaico-cristã. A cultura política de língua inglesa foi a que melhor soube preservar essa ancestral conversação, porque recusou sempre a falsa escolha entre a estagnação e a revolução, entre o dogmatismo e o relativismo, entre os despotismos rivais do imobilismo e da inovação.

ALEMÃES ANGLÓFILOS

Ralf Dahrendorf nasceu a 1 de Maio de 1929, em Hamburgo, a cidade mais inglesa da Alemanha, como ele próprio gosta de recordar. Também os seus pais nasceram em Hamburgo e os avós, maternos e paternos, foram para Hamburgo a partir de Anglia – esse território muito desejado entre a Alemanha e a Dinamarca donde terão partido os Anglo-Saxões rumo às ilhas britânicas.

Anos antes do nascimento de Ralf Dahrendorf, em meados de 1920, aquela que viria a ser sua mãe preparava cuidadosamente a sua primeira visita a Inglaterra. No último minuto, todavia, uma doença súbita impediu-a de concretizar a viagem e levou-a a ficar numa pequena localidade perto de Hamburgo, conhecida como Hostein Switzerland, onde conheceu o futuro marido, Gustav Dahrendorf. Ambos eram admiradores da Inglaterra e ambos decidiram – como um modesto substituto da viagem falhada – que dariam aos filhos nomes que pudessem ser igualmente usados na Alemanha e em Inglaterra. Daí os nomes Ralf – que se escreve, à alemã, com f, e não com ph – e Frank, o nome do irmão de Ralf Dahrendorf.

Gustav Dahrendorf, foi líder do Partido Social-Democrata durante a República de Weimar e exerceu actividade política ao longo de toda a vida. Pertenceu à resistência ao nazismo e foi preso, pela primeira vez, em 1933, depois em 1938 e, novamente, a 20 de Julho de 1944, data da tentativa de assassinato de Hitler.

Em Novembro de 1944, com 15 anos, Ralf Dahrendorf foi preso pela Gestapo e enviado para um campo de concentração, donde foi libertado em 1945, no dia em que as tropas soviéticas chegaram. No ano seguinte, em 1946, o pai do jovem Ralf viria de novo a ser quase preso na Alemanha de Leste, desta vez pelos comunistas, por se recusar a participar nas chamadas negociações com vista à unificação forçada do Partido Social-Democrata com o Partido Comunista. Esta dupla experiência do totalitarismo – nazi e comunista – e da resistência contra eles fundaram o comprometimento de Dahrendorf com a causa da liberdade e preveniram-no contra as seduções ideológicas:

Sou kantiano ou, se preferirem, popperiano, o que equivale a dizer que, para mim, um dos aspectos fundamentais da vida humana é que o homem não pode responder a todas as questões.

Esta dupla experiência do totalitarismo – nazi e comunista – e da resistência contra eles fundaram o comprometimento de Dahrendorf com a causa da liberdade e preveniram-no contra as seduções ideológicas.



Se alguém quer conhecer a resposta, deve poder duvidar do que dizem. Vivemos numa condição fundamental de incerteza [...] e isso deriva do facto de nenhum homem ser Deus².

Outra experiência desta mesma época haveria de marcar o jovem Dahrendorf. Nos dias que se seguiram à derrocada do regime nazi, e antes que novas instituições tivessem sido criadas, o caos invadiu as ruas. Isto levou Dahrendorf a observar que não existe liberdade sem lei, sem regras e sem instituições capazes de aplicar essas regras. Num livro que publicaria décadas depois, já nos anos 80, intitulado *Law and Order*, Dahrendorf escreveria que o sonho rousseauísta de um mundo sem constrangimentos é o caminho mais curto para o pesadelo hobbesiano do Leviatão, o Estado todo-poderoso.

No dia em que fez 18 anos – 1 de Maio de 1947 – o jovem Ralf inscrevia-se formalmente no Partido Social-Democrata alemão, de cujo sector juvenil já fazia parte. Pouco depois, em 1952, partia para Inglaterra, para a London School of Economics, onde faria o seu segundo doutoramento, desta vez em Sociologia, depois de se ter licenciado e doutorado em Filosofia na Universidade de Hamburgo.

A LSE era a anfitriã ideal para o jovem Ralf. Internacionalista e cosmopolita, a escola associava o compromisso com o socialismo fabiano dos seus fundadores à abertura de espírito e ao livre exame que distinguem as universidades de excelência. Era uma combinação muito britânica, como Dahrendorf gosta de recordar.

Após o doutoramento na LSE, Dahrendorf ingressou no Insti-

tuto de Investigações Sociais de Frankfurt, dirigido pelos neomarxistas da chamada escola crítica de Max Horkheimer e Theodor Adorno. «Fiquei lá exactamente oito semanas», explica Dahrendorf. «Depois das primeiras quatro compreendi que reinava uma atmosfera opressiva e autoritária que não me agradava»³.

PLURALISMO E LIBERDADE

Em 1957-1958, Ralf Dahrendorf está em Stanford, na Califórnia, no Center for Advanced Studies in the Behavioural Sciences, e, como ele costuma recordar, esse foi um ano muito importante. Milton Friedman, George Stigler, Kenneth Arrow e Robert Solow estavam lá na mesma altura e Dahrendorf participa em intensos debates acerca da liberalização económica. Talcott Parsons era também *fellow* do Center for Advanced Studies, e esse foi o auge da famosa polémica que opôs Dahrendorf ao estrutural-funcionalismo:

*Creio ter explicado em Out of Utopia que o modelo estrutural-funcionalista não admite qualquer tipo de mudança porque se baseia na ideia de que cada um desempenha um papel definido e funcional para o equilíbrio actual da sociedade. O modelo parsoniano de sociedade é utópico porque a descreve como se fosse completa, finita, perfeita: uma sociedade que não precisa de se transformar. Na realidade, a crítica que faço ao estrutural-funcionalismo resume-se numa crítica ao hegelianismo*⁴.

Os anos 1959-1960 são decisivos na evolução política e intelectual de Dahrendorf, então com 30 anos. Em 1959 é publicado o seu clássico *Class and Class Conflict in Industrial Societies*, no qual Dahrendorf revê criticamente as principais teorias de estratificação social e desenvolve a sua própria perspectiva, que ficaria conhecida como «sociologia do conflito». São as seguintes as palavras finais do livro:

*O monismo totalitário baseia-se na ideia de que o conflito pode e deve ser eliminado, de que uma ordem social e política homogénea e uniforme é a situação desejável. Essa ideia é tão perigosa quanto errónea nas suas premissas sociológicas. Pelo contrário, o pluralismo das sociedades livres baseia-se no reconhecimento e na aceitação do conflito social*⁵.

Em 1960, no ano seguinte à publicação de *Class and Class Conflict*, Willy Brandt convida Ralf Dahrendorf a proferir uma palestra no célebre congresso social-democrata de Bad Godesberg. Dahrendorf discursou sobre liberdade, democracia e mudança social, concluindo com a asserção de que o SPD tenderia a transformar-se num partido liberal, amplo e moderno, se quisesse continuar a desempenhar um papel relevante na sociedade alemã. Quando terminou, Willy Brandt levantou-se e fez uma declaração ao congresso. Disse que podia avaliar-se a tolerância dos sociais-democratas pelo facto de terem convidado para o discurso oficial uma pessoa como Ralf Dahrendorf – que não estava inscrita no partido nem representava a sua posição oficial.

A verdade, no entanto, é que Ralf ainda era membro do partido – desde 1947 –, embora tivesse vivido grande parte desse período no estrangeiro. Foi então que pensou que, provavelmente, não pertencia de facto àquele partido – e aí começou o seu afastamento político dos socialistas. Sete anos depois viria a ser eleito deputado pelo FDP, o Partido Liberal alemão, que então corporizava a oposição ao governo de grande coligação entre democratas-cristãos e sociais-democratas, ini-

ciado no ano anterior. Entre 1967 e 1969, Dahrendorf lidera a renovação do Partido Liberal, que culminaria na coligação entre liberais e sociais-democratas, o célebre governo Willy Brandt-Walter Scheel, de que Dahrendorf fez parte como ministro dos Assuntos Parlamentares.

Em 1970 Ralf Dahrendorf foi nomeado comissário alemão na Comissão Europeia, em Bruxelas, onde participou activamente nas negociações de adesão da Inglaterra, mas da qual se afastou em 1974, desapontado com a ausência de *accountability* nas estruturas supranacionais da Comunidade Europeia. Dahrendorf foi sempre um europeísta convicto, mas um europeísta de tipo especial, céptico relativamente aos grandes projectos federadores e à subestimação das realidades profundas do Estado-nação. Acima de tudo, é um internacionalista multilateral. «Depois de 1989», curiosamente o título do seu último livro, publicado em Julho de 1997, Dahrendorf torna-se um empenhado defensor da prioridade do alargamento da União Europeia aos países recém-libertados das ditaduras comunistas.

Dahrendorf foi sempre um europeísta convicto, mas um europeísta de tipo especial, céptico relativamente aos grandes projectos federadores e à subestimação das realidades profundas do Estado-nação.

75

LSE E OXFORD

Voltando atrás, ao Verão de 1973, vale a pena recordar que Lord Robbins, o distinto economista liberal da LSE, abordou Ralf Dahrendorf convidando-o para director da famosa escola. Este convite marcaria o regresso de Dahrendorf a Inglaterra, onde praticamente ficaria até ao presente. Dirigiu a LSE nos anos difíceis de 1974 a 1984, retribuindo-lhe a energia, o fôlego e o prestígio da excelência de épocas passadas. A velha e nobre instituição ficou-lhe grata e no 100.º aniversário convidou Dahrendorf para escrever a história dos primeiros cem anos. O resultado é um magnífico volume de 584 páginas, editado pela Oxford University Press em 1995.

Oxford seria, aliás, o destino seguinte de Ralf Dahrendorf, que, entretanto, fora agraciado pela rainha de Inglaterra com o título de Sir em 1981. Em 1987, após dez anos à frente da LSE, Dahrendorf tomara o posto de *warden* do St. Antony's College, na Universidade de Oxford, por mais dez anos, até Julho de 1997. Foi nesse período que teve o privilégio de ser orientado por ele no meu doutoramento. Em 1998, Ralf Dahrendorf adoptaria a cidadania britânica, passando a poder usar o título de Sir. Em 1994, Sir Ralf ingressaria na Câmara dos Lordes como Lord Dahrendorf of Clare Market in the City of Westminster. Foi aí que Lord Dahrendorf dirigiu o célebre comité sobre «Wealth creation and social cohesion in a free society», do qual foi publicado em 1995 um influente relatório que muito terá influenciado o programa do New Labour de Tony Blair e, seguramente, também o actual clima intelectual e político da Grã-Bretanha.

RESOLUÇÕES RELUTANTES

Para quem não conheça a obra de Dahrendorf, uma excelente introdução pode ser encontrada no seu livro de 1997, intitulado *After 1989: Morals, Revolution and Civil Society*⁶. Este conjunto de ensaios, retirados de notáveis palestras e discursos públicos proferidos durante a década de 90, não é de fácil caracterização. A melhor forma de o descrever é, porventura, através das palavras do próprio Lord Dahrendorf, no prefácio breve: “De certa forma, este livro não é passível de ser catalogado. Não pertence à área das ciências sociais nem à área da política, mas a ambas. Não é um trabalho de investigação nem um trabalho popular, mas ambos. É, antes de mais, o trabalho de um alemão britânico, intelectual activo, que atravessou as fronteiras de todos os mundos em que teve a boa sorte de ser bem recebido.” O título *Após 1989* tem origem na circunstância de Dahrendorf acreditar que 1945 e 1989 foram os dois anos mais importantes da sua vida. Em 1945 assistiu-se à vitória sobre o Nazismo (e o autor, preso num campo da Gestapo, foi libertado) e 1989 ficou assinalado como o colapso do comunismo e o estender dos frutos da vitória liberal e democrática de 1945 aos países da Europa Central e de Leste.

Devemos ser tão cautelosos relativamente ao dogmatismo fundamentalista como em relação à libertinagem dos relativistas.

O primeiro ensaio, “As revoluções devem fracassar?”, é uma crítica elegante e breve do utopismo revolucionário e uma defesa da tradição anglo-americana das “revoluções relutantes” (1688 e 1776), por oposição à revolução utópica ocorrida em França em 1789. Neste capítulo é estabelecido o tom que irá dominar o livro e definido o “liberalismo especial” de Dahrendorf: aberto à mudança mas respeitando a tradição; a favor da escolha individual mas contra o individualismo desbragado; firmemente do lado dos mercados livres e da propriedade privada mas oposto à destruição do “terceiro sector”, que o autor encara como indispensável a uma sociedade civil forte.

Os teóricos de diferentes tendências irão, sem dúvida, considerar este esforço tão fútil como a tentativa de quadratura do círculo. Na realidade, esse assunto constitui o tema de um outro ensaio da obra, “Prosperidade, Civismo e Liberdade: será possível a quadratura do círculo?” O argumento principal (que se encontra também na base do trabalho da Comissão da Câmara dos Lordes sobre a Criação de Riqueza e a Coesão Social, chefiada por Dahrendorf, consiste na afirmação de que “a chave para a quadratura do círculo é fortalecer e, em parte, reconstruir a sociedade civil” (p. 77). Sociedade civil significa, para Dahrendorf, “a textura da nossa vida com os outros, que não necessita de governos para se manter, por ser o produto das iniciativas individuais.” O seu traço característico é a associação, que fornece o necessário elemento de coesão na sociedade civil. As associações da sociedade civil interagem no mercado

(no domínio económico) e no público (no domínio político). As sociedades civis estabelecem as estruturas profundas ou, como Dahrendorf as denomina, *as ligaduras*, que constituem a âncora para a constituição da liberdade. Para Edmund Burke, elas constituem “o contracto primevo da sociedade eterna.”

CONTRA O RELATIVISMO

No capítulo “A Importância da Excelência”, o autor desenvolve o seu “liberalismo especial” num sentido que é particularmente impopular entre os intelectuais liberais dos nossos dias: a crítica do igualitarismo e do relativismo. Nele, Dahrendorf descreve uma “concepção extraviada de democracia”:

Pensa-se que os valores “emergem” de uma ou de outra forma, ao libertar as pessoas de restrições, encorajando-as a revelarem o que de melhor possuem em si, juntando-as para que comuniquem. De algum modo, a verdade, a bondade e a beleza surgirão, como geysers no solo da Islândia. Isto é de Habermas (ainda que caricaturado) e, antes deste, de Rousseau. Mas está errado... A abordagem do “porque não?” relativamente ao que as pessoas fazem, dizem, querem e parecem traduz-se numa aproximação da anomia, a ausência de regras. Contudo, a anomia, tal como entropia, em última análise conduz à morte.

As questões levantadas em “A Responsabilidade Pública dos Intelectuais: Contra o Novo Medo do Iluminismo” são semelhantes. Este capítulo principia com uma discussão sobre Karl Popper, um “grande cientista público” que pertence “ao pequeno agrupamento do qual Albert Einstein foi o fundador e patrono, este século” (p. 113). Dahrendorf lamenta o desaparecimento destes cientistas públicos, pelo seu inabalável empenho na procura da verdade e pelo seu sentido de responsabilidade em relação à sociedade em geral. As comunidades científicas de hoje são, cada vez mais, reféns de uma espécie de sindicalismo da ciência. “De vez em quando, sabe-se que alguém inventou um novo “paradigma”, o que o coloca uns pontos acima no índice de citações e lhe proporciona uma promoção, mas tudo isto acontece sem que ninguém, fora do círculo encantado, preste atenção” (p. 114).

No início deste capítulo, Dahrendorf comenta que ele reflecte o posicionamento de “um intelectual que continua a querer convencer os outros da ‘singularidade da verdade’, sem confiar em ninguém que afirme possuí-la” (p. 112). Esta perspectiva liberal antiquada surge de novo no final, no qual o autor recorda um sermão feito na capela do King’s College, em Cambridge, pelo “judeu agnóstico nascido em Praga”, o filósofo e antropólogo Ernest Gellner. No sermão, intitulado “A singularidade da verdade”, Gellner havia falado dos três concorrentes ideológicos da cena actual: os relativistas, os fundamentalistas e um terceiro grupo (no qual o próprio Gellner se incluía), que ele denominava os puritanos do Iluminismo. Gellner partilhava com os relativistas o ponto de vista de que a tolerância é importante; como puritano do Iluminismo, contudo, desdenhava o preconceito relativista segundo o qual todas as abordagens da verdade são igualmente válidas. “O nosso mundo é, de facto, um mundo plural, mas baseia-se na singularidade da verdade,” afirmava Gellner. Era precisamente esta a questão importante que ele reconhecia nos argumentos dos fundamentalistas: a importância da verdade é um facto. Ralf Dahrendorf concorda com Gellner e acrescenta:



“Falar da singularidade da verdade é uma outra forma de afirmar que existem princípios universais, não apenas no que respeita ao conhecimento mas também em relação à moral. Não poderemos nunca, contudo, ter a certeza de os haver encontrado. Por conseguinte, devemos ser tão cautelosos relativamente ao dogmatismo fundamentalista como em relação à libertinagem dos relativistas” (p. 122).

EUROPEÍSMO CÉPTICO

Na parte final do livro, que se centra sobre a Europa, Dahrendorf também expõe opiniões singulares. Embora não possa, de modo algum, ser considerado um “eurocéptico”, o autor defende a importância da Europa e a inclusão da Grã-Bretanha nela. Por outro lado, é um “europeísta céptico”, ao considerar que os sofisticados planos para a união monetária “possuem dois pontos fracos: são irrelevantes e criam divisão” (p. 165). A irrelevância resulta do facto de a união monetária não se dirigir aos problemas cruciais do desemprego e aos obstáculos à concorrência, que prejudicam os consumidores. O problema da criação de divisão, porém, afigura-se ainda mais grave e remete-nos para o tema central da obra — após 1989. Dahrendorf é muito crítico em relação ao comportamento da União Europeia:

A desilusão mais séria reside na resposta que os europeus mais afortunados deram às necessidades daqueles para quem a ideia não só da Europa Central, mas da Europa, deveria constituir já uma realidade...A Europa Ocidental traiu os seus princípios e promessas ao, em vez de estender a mão à Europa Central, se concentrar no seu aprofundamento, em Maastricht, e permitir que a protecção de interesses duvidosos ... prevalecesse sobre imperativos políticos. A nível institucional, pelo menos, a Europa — a União Europeia — falhou em relação à Europa, o continente carecido de cooperação e integração (p. 162).

“Aonde é que tudo isto nos leva?” pergunta o autor, no final de um dos capítulos, e o leitor bem poderá fazer a mesma pergunta. A resposta, que o autor receia deixar os leitores desapontados, consiste na circunstância de “os intelectuais terem uma responsabilidade pública”. Esta conclusão, porém, pode desiludir bem

menos do que parecerá à primeira vista. Pode antes revelar a sabedoria deste gentleman britânico, de origem alemã, cujo sentido de equilíbrio e moderação está bem ilustrado na famosa frase de Edmund Burke, que Dahrendorf cita no final do livro de 1990, *Reflexões sobre a Revolução na Europa*: “Tenho pouco para recomendar as minhas opiniões, para além de se basearem na observação demorada dos factos e de serem imparciais. São opiniões de alguém que dedicou quase toda a sua vida pública a defender a liberdade dos outros. Alguém que, quando o equilíbrio do navio em que viaja se encontra ameaçado por sobrecarga em um dos lados, procura ardentemente transportar o pequeno peso dos seus argumentos para o lado que possa repor o equilíbrio.”

Para os países que se encontram em processo de construir novas democracias sobre as ruínas deixadas pelo totalitarismo comunista na Europa Central e de Leste, e que possam sentir-se tentados por todo o género de doutrinas abrangentes, isto pode parecer uma afirmação pouco inspiradora. Dentro da tradição anglo-americana da liberdade sujeita à lei, porém, a vasta tradição com a qual Ralf Dahrendorf se identifica, o equilíbrio e a moderação foram, desde sempre, mais importantes do que as doutrinas abrangentes. ●

Uma versão anterior deste artigo foi lida em Lisboa, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Novembro de 1997, como apresentação de Ralf Dahrendorf no ciclo de palestras “A Invenção Democrática”, promovido pela Fundação Mário Soares. Foi depois publicada nas Actas desse ciclo [João Carlos Espada (Ed.) *A Invenção Democrática*, (Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2000)] e, em versão ampliada, em João Carlos Espada, *Ensaio sobre a Liberdade* (Cascais: Principia, 2002). Outra versão foi recentemente publicada em *A Tradição Anglo-Americana da Liberdade: Um Olhar Europeu* (Principia, 2008).

¹ Cf. Ralf Dahrendorf, *On Britain*, Londres, BBC, 1982, p. 10.

² Id., *O Liberalismo e a Europa: Entrevista com Vincenzo Ferrari*, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1983, pp. 13-14.

³ Id., *ibid.*, p. 10.

⁴ Id., *ibid.*, p. 54.

⁵ Id., *As Classes e Seus Conflitos na Sociedade Industrial*, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982 (1959), p. 278.

⁶ Ralf Dahrendorf, *After 1989: Morals, Revolution and Civil Society*, (Londres e Nova Iorque: Macmillan/St. Antony's, 1997).